

Organização e narração de histórias por escolares em desenvolvimento típico de linguagem***

Story organization and narrative by school-age children with typical language development

Ana Carolina Paiva Bento*
Debora Maria Befi-Lopes**

*Fonoaudióloga. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação Humana. Área de Comunicação Humana pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Endereço para correspondência: R. Cipotânea, 51 - São Paulo - SP CEP 05360-160 (carolbento@usp.br)

**Fonoaudióloga. Livre-Docente do Curso de Fonoaudiologia da FMUSP. Professora Associada do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP.

***Trabalho Realizado no Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Desenvolvimento da Linguagem e Suas Alterações, do Curso de Fonoaudiologia, Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP. Projeto de Mestrado Financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (Processo 07/51928-20).

Artigo Original de Pesquisa

Artigo Submetido a Avaliação por Pares

Conflito de Interesse: não

Recebido em 11.12.2009.
Revisado em 07.10.2010.
Aceito para Publicação em 26.10.2010.

Abstract

Background: the narrative abilities provide valuable information about the linguistic, cognitive and social development of school-age children with typical language development (TLD). Aim: to examine the temporal ordering of figures and the narrative abilities of school-age children with TLD in relation to the type of discourse presented. Method: participants of this study included 60 children with TLD aged between seven and ten years of age. Fifteen stories were used in the study. Each story was illustrated by four figures. The sequences of figures were created and classified as mechanical, behavioral and intentional according to the relationships presented among the characters. Data were transcribed and analyzed regarding the type of discourse (descriptive, causal and intentional) and the type of organization of the figures. Results: no differences between age groups were observed for temporal ordering. For all age groups, the most frequently presented discourse type was the causal one. Statistically significant differences were observed among age groups for the causal and intentional discourse type. Inasmuch as the age increased, school-age children with TLD reduced the use of the descriptive discourse and increased the use of the intentional one. Conclusion: the ability of temporal ordering is already developed in children with TLD at seven-years of age. The type of discourse was influenced by age and by the type of story presented.

Key Words: Speech, Language and Hearing Sciences; Child Language; Language Development; Narration.

Resumo

Tema: habilidades narrativas em escolares com desenvolvimento típico de linguagem. Objetivo: analisar tanto a ordenação de figuras que compõem histórias, quanto a classificação do tipo de discurso empregado na narração dessas histórias por escolares em desenvolvimento típico de linguagem. Método: participaram deste estudo 60 escolares na faixa etária entre sete e dez anos de idade com desenvolvimento típico de linguagem. Foi utilizada uma série de 15 histórias, representadas por figuras, compostas por quatro cenas cada. Essas sequências foram criadas e classificadas em mecânicas, comportamentais e intencionais, segundo as relações envolvidas entre as personagens. Os dados foram transcritos e analisados conforme o tipo de discurso (descritivo, causal e intencional) e, além disso, foi pontuado o tipo de organização das figuras realizadas pelas crianças. Resultados: não foram observadas diferenças entre as faixas etárias em relação à ordenação temporal. Para todas as faixas etárias o discurso predominante foi o do tipo causal e houve diferenças estatisticamente significativas entre as faixas etárias para os tipos de discurso causal e intencional. Também se verificou que com o aumento da complexidade das histórias fornecidas e com o aumento da idade houve aumento do tipo de discurso intencional e diminuição do tipo de discurso descritivo. Conclusões: a capacidade de ordenação temporal já está desenvolvida aos sete anos e os tipos de discurso realizados sofrem influência da idade e do tipo de história fornecida.

Palavras-Chave: Fonoaudiologia; Linguagem Infantil; Desenvolvimento da Linguagem; Narração.

Referenciar este material como:

 Bento ACP, Befi-Lopes DM. Organização e narração de histórias por escolares em desenvolvimento típico de linguagem. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*. 2010 out-dez;22(4):503-8.

Introdução

A narrativa é uma tarefa complexa que requer integração de habilidades linguísticas, cognitivas e sociais, cujo potencial de avaliação clínica tem sido explorado recentemente¹.

Estudos com falantes do Inglês, Hebreu e Espanhol apontam o surgimento das habilidades narrativas aos três anos. Entre três e cinco anos de idade, as crianças passam da descrição de objetos e sequências temporais de ações relevantes à solução de problemas acerca da questão alvo². Já a narrativa produzida entre os seis e os dez anos traz a expressão dos estados mentais dos personagens, seus sentimentos e pensamentos³.

Estudos mostram que o desenvolvimento das habilidades narrativas atinge um pico de complexidade por volta dos dez anos de idade^{4,5}. No entanto, outras pesquisas concluíram que as habilidades narrativas continuam sendo aperfeiçoadas durante a fase da adolescência e também da idade adulta⁶⁻⁸.

O objetivo deste estudo foi analisar a narrativa de escolares em desenvolvimento típico de linguagem. Para alcançar este objetivo geral, os objetivos específicos foram:

1. Analisar sua ordenação temporal das figuras que compõem as histórias.
2. Analisar se o tipo de discurso difere em relação à faixa etária,
3. Analisar se o tipo de discurso realizado (descritivo, causal e intencional) é influenciado pelo grau de complexidade da história fornecida.

Método

O estudo foi autorizado pela Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa (CAPPesq) da Diretoria Clínica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) sob número 0666/07. Previamente à coleta de dados, os pais foram esclarecidos a respeito dos objetivos do estudo e da forma de obtenção dos dados e então assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Todos os sujeitos estavam matriculados em uma escola estadual do município de São Paulo, localizada na zona oeste da referida cidade. Com o objetivo de caracterizar o desempenho de linguagem de cada sujeito foi realizada avaliação fonoaudiológica que verificava a fonologia, consciência fonológica, leitura e escrita^{9,10}.

Após a realização da avaliação, daquelas crianças que possuíam desempenho adequado foram

selecionadas 60 crianças, de ambos os gêneros, com idade entre sete e dez anos de idade. Portanto, os critérios de seleção destes sujeitos foram: ausência de queixa ou tratamento fonoaudiológico anterior, bom padrão comunicativo e desempenho escolar satisfatório de acordo com as professoras e na avaliação fonoaudiológica realizada.

Os sujeitos foram divididos em quatro grupos conforme a faixa etária a qual pertenciam, observando que cada grupo deveria ser composto por 15 sujeitos.

Para eliciar as narrativas foi utilizada uma série de 15 histórias, representadas por figuras, compostas por quatro cenas cada. Essas sequências foram elaboradas e classificadas em mecânicas, comportamentais e intencionais, segundo as relações envolvidas entre as personagens. A classificação utilizada¹¹ segue abaixo:

- Mecânica I – objetos interagindo casualmente, uns com os outros;
- Mecânica II – pessoas e objetos atuando casualmente uns com os outros;
- Comportamental I – uma pessoa atuando em situações rotineiras, que não requerem atribuição de estados mentais;
- Comportamental II – pessoa atuando em situações sociais rotineiras, envolvendo mais de uma pessoa, que não requerem atribuição de estados mentais;
- Intencional – pessoa atuando em atividades diárias que requerem atribuição de estados mentais.

A partir da classificação descrita acima, foram elaboradas as 15 histórias, bem como sua representação em desenhos¹², utilizadas no presente estudo.

Para a coleta dos dados, a pesquisadora conduzia cada criança individualmente a uma sala previamente preparada, onde explicava que as sequências de figuras formavam uma história. A primeira cena de cada história era identificada, e, a partir da compreensão de todos os elementos da mesma, as outras três figuras eram fornecidas para a organização da sequência de figuras. Após a criança organizar as figuras, a avaliadora solicitava que ela narrasse a história.

Para minimizar a influência de possíveis déficits na memória de curto termo, as figuras ficavam visíveis para a criança durante todo o processo de narração.

A ordenação das figuras era anotada num protocolo elaborado pela pesquisadora. A narração das histórias foi gravada em gravador digital Sony e, posteriormente, transcrita e analisada pela pesquisadora responsável pelo estudo.

Para a análise dos resultados, foram utilizados os seguintes critérios¹¹:

1. Ordenação temporal das figuras.

Foram atribuídos dois pontos às ordenações corretas; um ponto quando as figuras dois e três da história encontravam-se invertidas; e zero ponto para quaisquer outras organizações.

2. Tipo de discurso.

· descritivo: quando não havia presença de elementos conectivos que estabelecessem uma relação sequencial entre as cenas. Neste item foram incluídas as narrativas em que as figuras foram descritas separadamente, ou seja, a constituição de uma história era notada apenas semanticamente; ou quando o uso de elementos conectivos estabelecia uma relação aditiva entre as cenas, sem fazer relação direta entre os acontecimentos narrados em uma cena e na subsequente;

· causal: quando foram utilizadas expressões que não as determinantes diretas de causa, mas que expressavam relação de causalidade. Foram incluídas nesse critério as narrativas que se utilizavam de conjunções aditivas com valor causal, de expressões que demonstrassem que um acontecimento ocorreu apenas em virtude de outro (“fazer algo para”), ou quando foram empregadas conjunções causais ou o agente causador foi explicitado;

· intencional: quando foram empregadas interjeições ou expressões não-linguísticas que expressavam desejo ou sentimento da personagem; quando havia expressão de estados mentais das personagens, através da atribuição ou do uso de verbos que expressam desejo; ou quando a fala da personagem foi narrada na forma de discurso direto. Caso ocorresse em uma mesma narrativa

mais de um tipo de discurso, a classificação era feita de acordo com o tipo de narrativa mais complexa, segundo a ordem acima descrita.

Para a análise estatística dos resultados foi adotado nível de significância de 0,05 (5%), intervalos de confiança foram de 95% de confiança estatística. Foram utilizados testes e técnicas estatísticas não paramétricas, porque as condições (suposições) para a utilização de técnicas e testes paramétricos, como a normalidade (teste de Anderson-Darling, gráfico de distribuição de normalidade, sigla AD) e homocedasticidade (homogeneidade das variâncias, teste de Levene), não foram encontradas (principalmente a normalidade) neste conjunto de dados.

Resultados

Para comparar o desempenho dos escolares, de acordo com a faixa etária, na tarefa de ordenação temporal das figuras e quanto ao tipo de discurso empregado foi utilizado o teste estatístico de Kruskal-Wallis.

A Tabela 1 demonstra que não houve diferença estatisticamente significativa entre as faixas etárias em relação à tarefa de ordenação temporal.

Quanto ao tipo de discurso houve diferenças entre as faixas etárias apenas em relação aos discursos causal e intencional. Para o tipo causal tais diferenças são estatisticamente significantes entre de sete e oito anos (p-valor 0,024) com maior ocorrência deste tipo de discurso para a faixa etária de oito anos; entre oito e dez anos (p-valor <0,001) com maior ocorrência para a faixa etária de oito anos; e, entre nove e dez anos (p-valor 0,003) com maior ocorrência na faixa etária de nove anos.

TABELA 1. Comparação entre as faixas etárias quanto à ordenação temporal e o tipo de discurso.

Discurso / Ordenação Temporal		Média	Mediana	Desvio Padrão	Q1	Q3	N	IC	Qui-Quadrado	DF	p-Valor
descritivo	7 anos	0,37	0	0,6	0	1	75	0,14	3,63	3	0,304
	8 anos	0,23	0	0,6	0	0	75	0,13			
	9 anos	0,35	0	0,6	0	1	75	0,14			
	10 anos	0,31	0	0,6	0	1	75	0,13			
causal	7 anos	2,25	3	0,9	2	3	75	0,20	16,04	3	0,001*
	8 anos	2,56	3	0,7	2	3	75	0,16			
	9 anos	2,49	3	0,7	2	3	75	0,17			
	10 anos	2,01	2	1,0	1	3	75	0,23			
intencional	7 anos	0,37	0	0,8	0	0	75	0,17	20,23	3	<0,001*
	8 anos	0,21	0	0,5	0	0	75	0,11			
	9 anos	0,15	0	0,5	0	0	75	0,10			
	10 anos	0,68	0	1,0	0	1	75	0,23			
ordenação temporal	7 anos	5,57	6	1,0	6	6	75	0,22	0,81	3	0,847
	8 anos	5,55	6	0,9	5	6	75	0,21			
	9 anos	5,57	6	0,8	5	6	75	0,18			
	10 anos	5,68	6	0,7	6	6	75	0,15			

Já com relação ao discurso intencional as diferenças significantes são evidentes entre sete e nove anos (p - valor 0,030) com maior ocorrência aos sete anos; sete e dez anos (p - valor 0,040) com maior ocorrência aos dez anos; oito e dez anos (p - valor 0,002) com maior ocorrência aos dez anos; e, entre nove e dez anos (p - valor <0,001) com maior ocorrência aos dez anos.

Portanto, os sujeitos se mostraram homogêneos em relação ao tipo de discurso descritivo, apresentaram predomínio do tipo de discurso causal em relação aos outros tipos de discurso, e os sujeitos de dez anos apresentaram discurso intencional mais recorrente quando comparados com as demais faixas etárias.

Para a comparação entre os tipos de discurso produzidos para cada tipo de história fornecida foi utilizado o teste estatístico de Friedman.

Como apontado na Tabela 2 há diferenças estatisticamente significantes entre o tipo de discurso produzido em relação ao tipo de história fornecida.

Considerando as histórias mecânicas verificamos que o discurso causal é o predominante (p - valor <0,001), seguido pelo descritivo (p - valor <0,001) e pelo intencional (p - valor 0,036). Para as histórias comportamentais e intencionais temos o discurso causal de forma predominante (p - valor <0,001), seguido do intencional (p - valor <0,001) e descritivo (p - valor <0,001), respectivamente.

TABELA 2. Comparação do tipo de discurso realizado de acordo com o tipo de história fornecida.

Tipo de História/Tipo de Discurso		Média	Mediana	Desvio Padrão	Q1	Q3	N	IC	Qui-Quadrado	DF	p-valor
Mec. I	descritivo	0,23	0	0,6	0	0	60	0,16	88,27	2	< 0,001*
	causal	2,65	3	0,8	3	3	60	0,20			
	intencional	0,12	0	0,6	0	0	60	0,14			
Mec. II	descritivo	0,30	0	0,5	0	1	60	0,13	94,69	2	< 0,001*
	causal	2,57	3	0,7	2	3	60	0,18			
	intencional	0,13	0	0,5	0	0	60	0,12			
Mec. Total	descritivo	0,53	0	0,9	0	1	60	0,24	94,99	2	< 0,001*
	causal	5,22	6	1,3	5	6	60	0,32			
	intencional	0,25	0	1,0	0	0	60	0,24			
Comp. I	descritivo	0,52	0	0,7	0	1	60	0,18	53,12	2	< 0,001*
	causal	2,08	2	0,9	2	3	60	0,23			
	intencional	0,40	0	0,8	0	0	60	0,21			
Comp. II	descritivo	0,28	0	0,6	0	0	60	0,14	66,27	2	< 0,001*
	causal	2,25	2	0,9	2	3	60	0,22			
	intencional	0,47	0	0,7	0	1	60	0,18			
Comp. Total	descritivo	0,80	1	1,0	0	1	60	0,25	67,21	2	< 0,001*
	causal	4,33	5	1,4	3	5	60	0,37			
	intencional	0,87	0	1,2	0	1	60	0,31			
Intencional	descritivo	0,23	0	0,5	0	0	60	0,13	54,22	2	< 0,001*
	causal	2,10	2	1,0	1	3	60	0,24			
	intencional	0,65	0	0,9	0	1	60	0,24			

Mec. I - Mecânica I; Mec. II - Mecânica II; Mec. Total - Mecânica Total; Comp. I - Comportamental I; Comp. II - Comportamental II; Comp. Total - Comportamental Total.

Discussão

Com relação à ordenação temporal não houve diferença estatística quando consideramos a faixa etária, ou seja, o desempenho de todos os grupos foi semelhante. Aos sete anos a criança parece já apresentar competência para organizar temporalmente cenas, visto que nesta idade observa-se habilidade para marcação temporal inclusive na produção discursiva.

Há evidências de que crianças com seis anos sejam capazes de incluir dados cronológicos em suas narrativas¹³.

Estudos realizados com crianças entre quatro e seis anos ressaltaram êxito na tarefa de ordenação temporal de figuras que compõem histórias^{11,14-17}.

Quanto ao tipo de discurso empregado foi observado que com o aumento da idade há redução na ocorrência do discurso descritivo e aumento do discurso intencional.

Os resultados concordam com estudos que referem que com o aumento da idade e o conseqüente aumento da argumentação, advindo da maior experiência, as narrativas tanto orais quanto escritas tendem a se tornar mais extensas e mais complexas, sintática e episodicamente, incluindo mais informações a respeito da emoção¹⁸⁻²¹.

Por fim, quanto à influência da complexidade da história fornecida foi observada diferença estatisticamente significativa, portanto com histórias mais complexas houve aumento do discurso intencional e diminuição do discurso descritivo.

Estes dados corroboram outros estudos que na busca do melhor material para a avaliação da narrativa testaram muitos instrumentos que propiciassem a elaboração discursiva e evidenciaram a interferência do material gráfico nos resultados dos tipos de discurso desenvolvidos²²⁻²⁴.

Conclusão

A partir destes achados nota-se que a capacidade de ordenação temporal já está desenvolvida aos sete anos. No entanto, o tipo de discurso sofre influência da idade e do tipo de história fornecida, ou seja, com o aumento da idade as crianças tendem a realizar discursos mais complexos. Além disso, o tipo de história fornecida facilita o uso de discursos mais ou menos complexos.

Referências Bibliográficas

1. Botting N. Narrative as a clinical tool for the assessment of linguistic and pragmatic impairments. *Child Lang Teach Ther.* 2002;43:917-931.
2. Berman RA, Slobin DI. *Relating Livents in Narrative: A Crosslinguistic Developmental Study.* Hillside, New Jersey: Lawrence Erlbaum; 1994.
3. McKeough A. A neo-structural analysis of children's narrative and its development. In: Case R, editor. *The mind's staircase: Exploring the conceptual underpinnings of children's thought and knowledge.* Hillsdale, New Jersey: Erlbaum; 1992. p. 171-188.
4. McKeough A. Building on the oral tradition: How story composition and comprehension develop. In: Astington J, editor. *Minds in the making.* Cambridge, UK: Blackwell; 2000. p. 98-114.
5. Izard CE, Fine S, Schultz D, Mostow A, Ackerman B, Youngstrom, E. Emotional knowledge as a predictor of social behavior and academic competence in children at risk. *Psychol Sci.* 2001;12:18-23.
6. Marsh EJ, Tversky B. Spinning the stories of our lives. *Appl Cogn Psychol.* 2004;18:491-503.
7. Genereux R, McKeough A. Developing narrative interpretation: structural and content analyses. *Br J Educ Psychol.* 2007;77:849-72.
8. Principe GF, Smith E. The tooth, the whole tooth, and nothing but the tooth: How belief in the tooth fairy can engender false memories. *Appl Cogn Psychol.* 2008;22:625-42.
9. Andrade CRF, Befi-Lopes DM, Fernandes FDM, Wertzner HF. *Manual de avaliação de linguagem do serviço de Fonoaudiologia do centro de saúde escola Samuel B. Pessoa.* Publicação Interna. São Paulo, 1997.
10. Wertzner HF. Fonologia. In: Andrade CRF de, Befi-Lopes DM, Fernandes FDM, Wertzner HF. *ABFW - teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática.* Barueri: Pró-Fono; 2004. cap. 1.
11. Baron-Cohen S, Leslie AM, Frith U. Mechanical, Behavioural and Intencional understanding of stories in autistic children. *Br J Dev Psychol.* 1986;4:113-25.
12. Perissinoto J. Avaliação Fonoaudiológica da criança com Autismo. In: Perissinoto J, organizadora. *Conhecimentos Essenciais para atender bem a criança com Autismo.* São José dos Campos: Pulso; 2003. p. 45-55.
13. Meira MIM. *Coordenação na narrativa de crianças de seis anos: aspectos semânticos e sintáticos [tese].* São Paulo(SP): Pontifícia Universidade Católica; 1977.
14. Piccoloto LF. *Análise de verbalizações a partir de estímulo visual sequencialização em crianças de 4, 5 e 6 anos de idade [tese].* São Paulo(SP): Pontifícia Universidade Católica; 1981.
15. Cassavia CPS. *Narrativa de crianças de quatro a seis anos: seqüência de figuras [monografia].* São Paulo(SP): Universidade Federal de São Paulo; 1995.
16. Liebentritt EM. *Caracterização de aspectos das narrativas de crianças de cinco anos: seqüências de figuras [monografia].* São Paulo(SP): Universidade Federal de São

Paulo; 1997.

17. Artoni AL. Caracterização de narrativas de crianças de 5 e 6 anos: correlações entre episódios e ações [tese]. São Paulo(SP): Universidade Federal de São Paulo; 2001.

18. Bamberg M, Damrad-Frye R. On the ability to provide evaluative comments: further explorations of children's narrative competencies. *J Child Lang.* 1991;18:689-710.

19. Liles B. Narrative discourse in children with language disorders and children with normal language: a critical review of the literature. *J Speech Hear Res.* 1993;36:868-82.

20. Ukrainetz TA, Justice LM, Kaderavek JN, Eisenberg SL, Gillam RB, Harm HM. The Development of Expressive Elaboration in Fictional Narratives. *Journal J Speech Lang Hear Res.* 2005;48:1363-77.

21. Nippold MA, Mansfield TC, Billow JL. Syntactic Development in Adolescents With a History of Language Impairments: A Follow-Up Investigation. *Am J Speech Lang*

Pathol. 2009;18:241-51.

22. Reilly J, Losh M, Bellugi U, Wulfeck B. "Frog, where are you?" Narratives in children with Specific Language Impairment, early focal brain injury, and Williams syndrome. *Brain Lang.* 2004;88:229-47.

23. Pankratz ME, Plante E, Vance R, Insalaco DM. The diagnostic and predictive validity of the renfrew bus store. *Lang Speech Hear Serv Sch.* 2007;38:390-99.

24. Uccelli P, Páez MM. Narrative and vocabulary development of bilingual children from kindergarten to first grade: developmental changes and associations among English and Spanish skills. *Lang Speech Hear Serv Sch.* 2007;38:225-36.